

Meu Lugar na UFRGS



GUSTAVO DIEHL/SECOM

Entradas e saídas

No entorno de um prédio de tijolos à vista, morros verdes-escuros indicam proximidade ao município de Viamão. Dentro, há um verdadeiro cemitério de móveis: vários apetrechos são empilhados em setores, formando uma verdadeira bagunça organizada. É a Divisão de Recolhimento e Desfazimento de Bens Móveis (DRDBM) da UFRGS, localizada no Câmpus Agronomia, e é também onde Éder da Silva Homem, de 34 anos, atua como prestador de serviços terceirizado há quase 12 anos.

Nascido em Viamão, já foi funcionário num supermercado e numa gráfica antes de vir parar aqui, em 2006. Seu pai, por uma questão de saúde, saiu da DRDBM em 2005, indicando à vaga o seu filho desempregado: Éder.

Na UFRGS, sempre trabalhou dentro do Departamento de Patrimônio, recebendo material, fazendo entregas e registrando a movimentação de entrada e saída de móveis. Como terceirizado, hoje é almoxarife no setor responsável pelo recolhimento dos bens inutilizados na Universidade. Lá também acontece o desfazimento de objetos por meio de doação, leilão ou inutilização e se disponibilizam materiais para serem reutilizados pelas Unidades da academia.

Pai de uma filha de 3 anos, comenta que às vezes tem que ficar brincando até as 11 horas da noite com a menina. Mesmo assim, lembra todos os dias às 5h, pega ônibus às 6h e chega ao trabalho às 7h, enquanto o seu expediente começa apenas às 7h30. “Não gosto de chegar atrasado, prefiro chegar antes”, explica.

Apesar de nunca ter trabalhado em outro setor da UFRGS, defende: “A chefia aqui é tranquila, a gente consegue conversar, não se tem um olhar diferenciado por sermos terceirizados. Eles nos ouvem e adotam muitas ideias, e isso é muito interessante, faz a gente querer ficar. Aqui é o melhor que tem, não adianta”.

Dentro do departamento, ele é conhecido como “Pino”: “Na verdade, quase ninguém aqui

se chama por nome, quase todo mundo é por apelido”, brinca. Ao perguntar de suas amizades no trabalho, comenta: “É uma palhaçada só, todo mundo dá risada. Tem um que é careca e me mandou esses dias uma foto nossa dizendo ‘nesse tempo tu era magro e eu tinha cabelo!’. E são coisas desse tipo que vão marcando o tempo, sabe?”.

Além da boa relação de trabalho, Éder acresce: “Gosto (daqui) por não ter tanto movimento de pessoas: como nós recebemos o pessoal nas segundas e terças, nos outros três dias ou a gente sai (para fazer entregas), ou a gente fica aqui dentro arrumando o depósito. É bom porque tu vai arrumar as coisas e fica lá num silêncio, só mexendo no material. Às vezes ainda é uma coisa que tu não conhece, mas tu tem tempo para pegar, olhar e, de repente, aprender coisas diferentes”. Na DRDBM, os funcionários estão em contato com móveis e outros utensílios de tal maneira que passam a conhecer e compartilhar histórias com eles.

Éder lembra que, quando surgiu uma vaga de auxiliar de almoxarifado, foi por causa da morte de um colega, o Moacir: “Eu entrei no lugar dele e, quando fui usar o computador em que ele trabalhava, vi que tinha muitas fotos com os seus filhos. Muitas mesmo. Ele era divorciado, morava sozinho e tudo. É uma coisa que eu não costumava comentar, mas é um negócio que me marcou, sabe? Porque eu tive que apagar tudo aquilo ali. E como a gente não tinha contato com a família, não tinha nem como perguntar se alguém queria alguma foto”. E isso marca a Divisão de Recolhimento e Desfazimento de Bens Móveis: seus funcionários e todos aqueles materiais, aqueles montes de computadores, geladeiras, liquidificadores, mesas, cadeiras, armários, microscópios, enfim, tudo ali, de certo modo, um dia vai partir.

Carolina Pastl,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

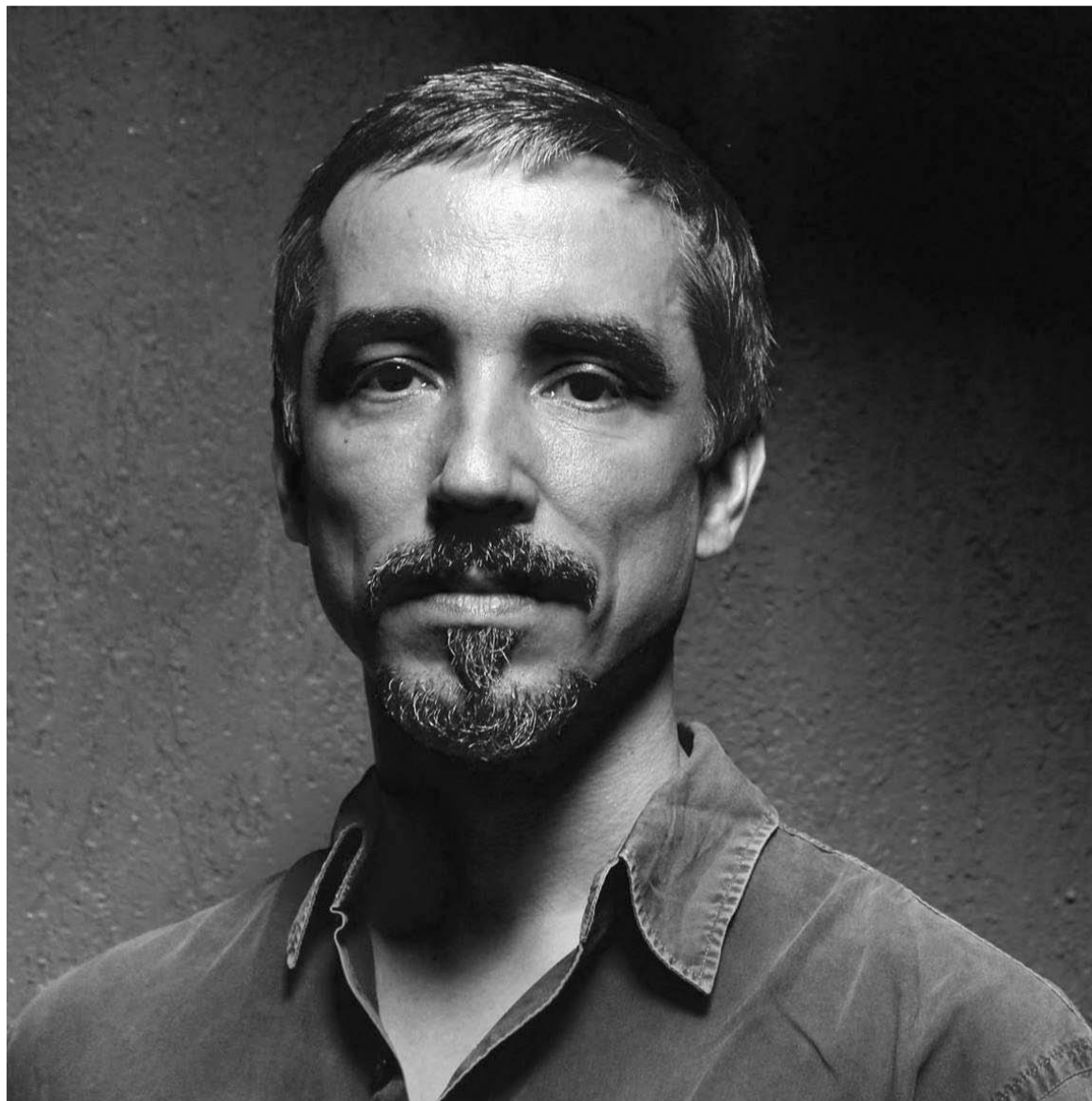
Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Nem tão distantes assim



ESTEBAN O. CORZO

Para quem ainda acredita na dicotomia entre ciências humanas e exatas, conhecer Gonçalo Ferraz talvez seja uma interessante provocação. Lisboa em sua origem, mas de alma cosmopolita, é um crítico contumaz de tal divisão – e com fundamento. Há quase 20 anos se dedica à pesquisa científica na área de Biologia, e há um mês lançou na Feira do Livro de Porto Alegre sua primeira obra poética: *Palavras com Som*, publicada pela editora Libretos. No entanto, já faz tempo que arte e ciência convivem em sua rotina.

“Cresci acostumado à ideia de que as coisas realmente importantes a gente fala em verso”, lembra Gonçalo, destacando que a poesia na família já está na quarta geração: pai, avô e bisavô também escreviam. Sendo o quinto de seis filhos, desde muito cedo percebeu que compor versos e lê-los para os outros era uma forma de chamar a atenção. “Sempre teve também esse lado meio perverso”, ele ri. Sua mãe, que é matemática de profissão, começou a escrever depois dos 60 – seu primeiro livro se chama *Os meninos com nomes de números*. Foi também por influência dela, Gonçalo presume, que desenvolveu o gosto pelo raciocínio lógico. Quando pequeno, acompanhava as experiências da mãe em casa, e as brincadeiras nas quais ela preparava para seus alunos o encantavam.

“Sempre gostei de andar no campo, ver bicho, sentir o espaço à minha volta, o silêncio”, ele conta. Aos 15 anos, fez parte de um grupo de observação de aves. Com a saída do professor responsável, ele e alguns colegas decidiram dar continuidade às atividades da equipe e dedicaram-se à elaboração de um projeto. Com

a ajuda do cunhado, que na época estava iniciando o doutorado, teve o primeiro contato com a pesquisa. “Aconteceu uma coisa muito legal: eu e meus amigos nos dedicamos muito para fazer esse projeto funcionar. Só que a gente não tinha experiência, não tinha noção de o quanto a clareza da pergunta inicial é fundamental para uma iniciativa científica. Então fizemos um megaprojeto para coletar o máximo de dados que pudéssemos, jogar tudo numa base de dados e ver o que acontecia. Foi muito interessante, academicamente, eu fazer errado nesse momento, porque o projeto nunca chegou ao fim. Gerou uma caixa cheia de fichas, e a gente nunca fez nada. Mas para mim foi uma lição enorme”, acrescenta.

Depois da graduação em Biologia pela Universidade de Lisboa, Gonçalo transformou o gosto pela natureza e pelos números em trabalho: cursou mestrado e doutorado em Ecologia e Biologia Evolutiva na Universidade Columbia, em Nova Iorque, com ênfase em dinâmica de populações. Nas suas próprias palavras, trabalha “contando bicho”.

Em suas andanças, viveu por oito anos em Manaus antes de se mudar para Porto Alegre, em 2012, para se tornar professor do Departamento de Ecologia da UFRGS, onde coordena o Laboratório de Ecologia de Populações e atua como pesquisador, colaborando com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Foi em Manaus que Gonçalo conheceu dona Omarina Guerra, advogada e mãe de cinco filhas, das quais ele recorda com carinho. Acolhido por elas em um dia difícil, escreveu e lhes dedicou *As Amazonas*, o único poema que fez em um

período de sete anos. “Mande para um amigo, que mandou para elas, e no dia seguinte já me chamaram para almoçar. Um almoço de domingo. Dona Omarina trouxe uma caixa de papéis que tinha em casa, e a família inteira leu poesias, providas de várias ocasiões. Sei lá o que é que a poesia faz, e não sei se estou interessado em desmontar isso, mas essa experiência me marcou muito. Me deu uma convicção muito forte: eu preciso dar um jeito de existir dessa forma também. É uma satisfação muito grande. A gente não leva nada daqui se não forem esses momentos.” Até então, Gonçalo costumava esperar ser tomado de muito sentimento para escrever. Ao chegar a Porto Alegre, aos poucos isso mudou. Começou a frequentar saraus e slams – campeonatos de poesia falada – e, fascinado pelos encontros, passou a escrever uma vez por semana. Foi dessa rotina que nasceu seu livro.

Para Gonçalo, tanto no verso quanto na pesquisa, é preciso dar espaço para que as palavras “tomem vida própria”. No entanto, segundo ele, são diferentes as regras do jogo. “Na Biologia existe uma verdade; na poesia, não. Quando a gente se sente meio esmagado pela responsabilidade de fazer as perguntas certas, coletar dados corretamente e analisá-los de maneira a alcançar uma verdade científica, a poesia dá uma liberdade complementar. O campo de jogo é outro. Na poesia não existe uma coisa certa, mas, sim, maneiras de expressar ideias”, sintetiza.

Natalia Henkin,
estudante do 7.º semestre
de Jornalismo da UFRGS